

Os Ventos da Vida

written by Rosa Fonseca | 3 de Agosto, 2025



Cheirava a sal e a memórias guardadas entre as areias finas da praia e a vista para o imponente Monte de Santa Tecla, do outro lado do rio Minho. Ela voltava à vila de Moledo. Era início de setembro, os turistas começavam a debandar, deixando a vila para os seus moradores e às tantas histórias que o verão costuma lançar para o fundo do mar.

Corria um vento selvagem característico das praias do Norte. Luísa chegou ao pequeno café da praia, onde tantas vezes se sentara a observar o mar. Passava das quatro da tarde. Trazia um vestido leve e o cabelo apanhado e uns óculos de sol escondiam os olhos que mal disfarçavam a ansiedade. Pediu uma água.

Não esperou muito. Arménia apareceu, como prometido, com um ar de quem vinha com o coração a palpitar. Reconheceram-se ao longe, no sorriso e no andar – como se ainda ontem se tivessem visto – mas a última vez que se viram já fazia mais de trinta anos. Despediram-se num verão, neste mesmo café, quando Luísa emigrou para França.

– *Mena...* – disse Luísa, levantando-se.

– *Luísa...* – respondeu Arménia, num tom que misturava surpresa e ternura.

O abraço foi longo e meio tímido, mas carregado de uma saudade antiga. Por instantes, nenhuma soube o que dizer. Olharam-se silenciosamente.

– *Ainda gostas do galão com canela?* – perguntou Arménia, sorrindo.

– *Como é que te lembras disso?*

– *Nunca me esqueci de nada... nem do último verão antes de partires para França.*

Luísa baixou o olhar. Mais uma vez o silêncio entre elas, mas não desconfortável. Era o tipo de silêncio que só existe entre quem já partilhou demasiado...e partilharam muito.

– *Nunca mais voltei aqui desde então* – confessou Luísa. – *Tinha receio de encontrar tudo igual... menos nós.*

– *E encontraste?*

– *Talvez. Mas ver-te aqui... é como abrir uma janela que esteve fechada durante anos.*

Arménia sorriu com doçura. Tinha os olhos marejados.

– *A vida deu muitas voltas, Luísa. Tu foste viver os teus sonhos e eu fiquei a cuidar dos meus* – disse, apontando com um sorriso para o pequeno atelier de rendas e bordados, que se avistava dali. – *Mas nunca deixei de pensar em ti.*

– *Nem eu em ti.* – respondeu Luísa. – *E sabes o pior? Estivemos tão perto tantas vezes. Escrevi-te uma carta. Nunca enviei.*

– *Eu escrevi-te três. Estão guardadas numa caixa com um lenço que bordei para ti.*

Riram-se, como se riam quando passeavam ao domingo nas

romarias minhotas.

E nesse rir desprendido, as barreiras que o tempo tinha construído dissiparam-se.

Atropelavam-se na conversa que durou horas. Tinham tanto para dizer!

Sobre os filhos que cada uma tinha ou não teve. Sobre os dias bons e os maus, os amores frustrados, os empregos. Reviveram um tempo que ainda lhes tatuava a pele.

O pôr do sol acanhado, acolhia-se de mansinho nos braços de um mar ondulante. Já só restava o som das gaivotas e das ondas, Mena perguntou:

– *Ficas mais uns dias?*

– *Se me deres abrigo, fico até que o vento emigre...* riu-se.

– *O quarto da minha mãe está vazio. Ela adorava-te.*

– *Então é um reencontro abençoado* – disse Luísa, pegando na mão da amiga.

E ali, entre um vento norte e o cheiro a maresia que nunca mudou, duas amigas voltaram a reencontrar-se – não como eram, mas como realmente são.

E tanto, tanto para conversar...